



Dialogando com prógonos e epígonos: Walter Benjamin relê o materialismo histórico

Dialoguing with forerunners and epigones: Walter Benjamin rereads historical materialism

Fernando Araújo Del Lama¹

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

dellama.f@gmail.com

Resumo: O presente artigo pretende iluminar a releitura do materialismo histórico proposta por Walter Benjamin a partir do debate com seus prógonos (Marx e Engels) e com alguns de seus epígonos (sobretudo a socialdemocracia alemã, mas também o socialismo soviético de estirpe stalinista), visando encontrar alguns elementos nos primeiros que lhe permitam apoiar a crítica do progresso que ele endereça aos últimos. Ele recorre, ao longo da argumentação, a textos nos quais Benjamin discute sua interpretação do materialismo histórico, fundada em uma ruptura radical com a ideologia do progresso, tais como as teses *Sobre o conceito de história* e o ensaio sobre Eduard Fuchs, e conclui indicando uma afinidade entre crítica do progresso, crítica do positivismo, elementos românticos e o espírito do marxismo em tal interpretação.

Palavras-chave: Walter Benjamin; materialismo histórico; crítica do progresso; *Sobre o conceito de história*; socialdemocracia alemã.

Abstract: This paper intends to illuminate the re-reading of the historical materialism proposed by Walter Benjamin as from the debate with its forerunners (Marx and Engels) and with some of its epigones (especially German Social Democracy, but also Stalinist-strain Soviet Socialism), aiming to find some elements in the first that allow

¹ Doutorando em Filosofia na Universidade de São Paulo, com pesquisa orientada pelo Prof. Dr. Ricardo Ribeiro Terra e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2017/05560-5.

him to support the critique of progress that he addresses to the last ones. Throughout the argument, it resorts to texts in which Benjamin discusses his interpretation of historical materialism, which is founded on a radical break with the ideology of progress, such as the thesis *On the Concept of History* and the essay on *Eduard Fuchs*, and concludes by indicating an affinity between critique of progress, critique of positivism, romantic elements and the spirit of Marxism in such an interpretation.

Keywords: Walter Benjamin, historical materialism, critique of progress, *On the Concept of History*, German Social Democracy.

Este texto pretende tematizar parcialmente a recepção heterodoxa do marxismo por Walter Benjamin,² examinada a partir de um aspecto específico, qual seja, sua releitura do materialismo histórico a partir do diálogo com seus prógonos (Marx e Engels) e com alguns de seus epígonos de correntes expressivas do marxismo (a socialdemocracia alemã e o socialismo soviético de estirpe stalinista) sobre as quais as tendências políticas de esquerda depositavam suas esperanças durante o período da ascensão nazifascista.

As ideias que organizam a rearticulação benjaminiana do materialismo histórico são, sabidamente, a crítica ao ideal de progresso, bem como a urgência da ação revolucionária que dela decorre. A hipótese a ser desenvolvida neste trabalho consiste, pois, em problematizar a interpretação que atribui primazia à recepção – bastante singular, vale dizer – de autores românticos e dos socialistas utópicos por Benjamin no que concerne a tais ideias; mediante tal esforço, abre-se a possibilidade de pensar o rompimento com a ideologia do progresso em seus aspectos imanentes à própria tradição do materialismo histórico.

² Os textos de Walter Benjamin são citados de acordo com a edição *Gesammelte Schriften*, estabelecida por Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser e editada em sete volumes pela editora Suhrkamp entre 1972 e 1989, abreviada por *GS*, seguida da indicação do volume em algarismos romanos e do tomo em algarismos arábicos, além da página, também em números arábicos. Os textos inseridos em volumes já publicados da edição crítica (*Werke und Nachlaß. Kritische Gesamtausgabe*) são indicados de modo complementar, através da abreviatura *WuN*, seguida da indicação do volume e página, ambos em algarismos arábicos. Quando necessário, são indicadas na sequência, entre colchetes, ano e página das traduções utilizadas, as quais podem ser conferidas nas referências bibliográficas ao final do texto.

Propõe-se, assim, o seguinte percurso expositivo: inicialmente, pretende-se reconstituir os traços fundamentais da crítica benjaminiana à ideologia do progresso, recorrendo sobretudo ao diálogo crítico com os epígonos do materialismo histórico, de modo especial com a socialdemocracia alemã; em seguida, será retomado o recurso feito aos prógonos da tradição de pensamento em questão, de modo a evidenciar a presença, já nos textos deles, de elementos que permitam pensar a crítica do ideal de progresso e, portanto, criticar a apropriação feita.

A experiência intelectual de Benjamin é, como a caracterizou Hannah Arendt, bastante “*sui generis*” (ARENDR, 2008, p. 167-168). Da insatisfação anarquista de juventude ao comunismo libertário de maturidade, passando pela incorporação de um messianismo judaico secularizado, de um romantismo revolucionário e até mesmo de versões materialistas de clássicos da metafísica alemã (Leibniz e Goethe) em uma disposição constelacional de heterodoxias, ela é marcada por um intenso campo de tensões entre tradições de pensamento díspares, o que cria uma série de paradoxos. O paradoxo que será examinado aqui, o de pensar um materialismo histórico que prescindia da ideia de progresso linear, se choca com as interpretações canônicas de Marx e Engels levadas a cabo por duas das mais proeminentes correntes do início do século XX, a saber, a socialdemocracia alemã e o socialismo soviético comandado por Stalin. “Walter Benjamin”, já observara Michael Löwy, “ocupa uma posição singular na história do pensamento crítico moderno: é o primeiro seguidor do materialismo histórico a romper radicalmente com a ideologia do progresso linear” (LÖWY, 2013, p. 7). Nos escritos onde discute a relação entre materialismo histórico e progresso, Benjamin elege uma série de pilares emblemáticos da socialdemocracia para mostrar que os raciocínios neles cristalizados tendem a levar a situação dos oprimidos justamente para o sentido contrário do que almejam, perpetuando a dominação. É certo que tanto os teóricos socialdemocratas quanto os ideólogos do socialismo soviético partilhavam, *mutatis mutandis*, da postura otimista em relação ao progresso: enquanto os últimos acreditavam que o desenvolvimento das forças produtivas e o progresso técnico e econômico, de acordo com o “curso natural da história”, culminariam inelutavelmente na crise letal do capitalismo e no triunfo revolucionário do proletariado, os primeiros, baseando-se em premissas

semelhantes, acreditavam na transformação paulatina e gradual da sociedade por meio de reformas legislativas. Apesar de tal concordância, o arsenal crítico de Benjamin é dirigido quase que integralmente apenas à socialdemocracia. Tal opção, no entanto, não é expressamente justificada por Benjamin; supõe-se, assim, dadas as ressalvas quanto ao regime stalinista descritas em sua *Correspondência* ao longo da década de 30 e também no *Diário de Moscou*, que ele não nutria muita simpatia política em relação aos soviéticos, pelo que preferiu focar criticamente outras doutrinas autoproclamadas progressistas, nas quais há ambivalências e contradições latentes, tomando para a si a tarefa de desvelá-las. O socialismo soviético possuía um caráter essencialmente quimérico – caráter esse que transpareceu na assinatura do pacto de não-agressão com Hitler em 1939, sob o impacto do qual as *teses* foram redigidas;³ não seria possível levar a cabo a transformação radical da humanidade baseando-se, enumera Reyes Mate, em “uma fé cega no progresso que [...] impede de ver o abismo que separa o desenvolvimento científico da emancipação dos homens”, em “uma torpeza estratégica incapaz de transformar a massa de trabalhadores na base real da mudança histórica” e sobretudo em “uma submissão servil a um partido que se converteu

³ A seguinte passagem da décima tese é bastante reveladora em relação a esse impacto: “Num instante em que os políticos, em quem os adversários do fascismo tinham colocado as suas esperanças, jazem por terra e reforçam sua derrota com a traição da própria causa (...)” (BENJAMIN, *GS I-2*, p. 698 / *WuN 19*, p. 75 [2005, p. 96]). Gérard Raullet (2010, p. 180 ss), na seção “História da gênese e da publicação” de seu *Comentário* à edição crítica das *Teses*, recorda de alguns elementos que reforçam as motivações políticas de sua redação, tais como os depoimentos de Scholem e de Soma Morgenstern, escritor exilado também em Paris para quem Benjamin teria lido algumas das teses. Löwy, ao analisar e interpretar a passagem em questão, afirma que “[a] expressão ‘os políticos, em quem os adversários do fascismo tinham colocado as suas esperanças’ é muito transparente: trata-se dos comunistas (stalinistas), que ‘traíram sua causa’ ao pactuarem com Hitler. Mais precisamente, a frase se refere ao KPD (partido comunista alemão) que, ao contrário do PC soviético, ‘caiu por terra’. A esperança de um combate consequente contra o fascismo estava aos olhos de Benjamin, no movimento comunista, bem mais do que na socialdemocracia. Ora, o pacto dobrou o sino dessa esperança. A ‘traição’ designa não o acordo entre Molotov e Ribbentrop, mas também sua legitimação pelos partidos comunistas que adotaram a ‘linha’ soviética. Ela não significa de maneira alguma para Benjamin [...] a ruptura com o comunismo ou com o marxismo, mas a dissociação definitiva e irrevogável entre a realidade soviética e a ideia comunista” (LÖWY, 2005, p. 96-97).

em fim em si mesmo” (MATE, 2011, p. 223). Assim, depois da traição dos soviéticos e decorrente depreciação de sua posição de destaque na luta contra o fascismo, o discurso do SPD – *Sozialdemokratische Partei Deutschlands* – poderia soar mais atraente e razoável como alternativa para a resistência de Esquerda de então; logo, tratava-se de evidenciar o caráter aparente e ilusório inerente a ele, desmistificando-o.

As críticas mais ácidas e agudas ganham expressão, certamente, nas teses *Sobre o conceito de história*. Sobretudo nas teses XI, XII, XIII e XVIIa,⁴ ele examina algumas ideias estruturantes da socialdemocracia – o conformismo de sua tática política e de suas ideias econômicas e a respeito do trabalho, a preocupação equivocada com as gerações futuras e consequente silenciamento dos precursores oprimidos, as três ilusões fundamentais do conceito socialdemocrata de progresso, a compreensão da sociedade sem classes como “tarefa infinita” de estirpe neokantiana, respectivamente.⁵ Dadas as restrições editoriais, serão examinadas em detalhes apenas as críticas contidas na tese XIII, pois problematizam os fundamentos socialdemocratas, com referências pontuais às demais. Isso posto, vamos a elas.

⁴ Há, é verdade, uma polêmica em torno da numeração desta última tese: dentre todas as cinco versões coligidas na edição crítica, a única que contém esta tese é a do *Handexemplar* de Benjamin – exemplar este que fora encontrado por Agamben em 1981, poluído por algumas correções e marcações –, sob a numeração XVIII. No entanto, a mesma tese aparece na seção de “Manuscritos – esboços e versões”, sob a numeração XVIIa – ver BENJAMIN, *WuN* 19, p. 42, 152. Uma vez que, de acordo com a primeira destas formulações, Benjamin teria a intenção de incluí-la na versão final, optou-se, entre os pesquisadores brasileiros, de mantê-la em meio às outras teses sob a numeração XVIIa, acompanhada, porém, de uma explicação preliminar de que não se trata de uma variação da tese XVII, mas de um texto autônomo.

⁵ Por meio de tais críticas, pode-se reconstituir de forma mais específica a imagem benjaminiana da socialdemocracia em meio às diversas tensões e discussões entre seus ideólogos. Certamente, trata-se da faceta positivista, fortemente influenciada pelo neokantismo, que ganhou seus contornos mais nítidos em meio à polêmica socialdemocrata no revisionismo reformista de Eduard Bernstein, sintetizado em *As premissas do socialismo e as tarefas da socialdemocracia*, de 1899, acompanhado do otimismo de Karl Kautsky quanto ao “determinismo” revolucionário e da reafirmação da tese do colapso por Rosa Luxemburgo, seus correlatos. O intuito de Benjamin claramente não é discutir as posições dos autores envolvidos no *Bernstein-Debatte*, tampouco propor uma síntese delas, mas apenas criticar de modo imanente os traços hegemônicos que perduraram na doutrina socialdemocrata.

Na tese XIII, Benjamin assinala que tanto a teoria quanto a práxis socialdemocratas estavam determinadas por uma ideia de progresso com pretensões dogmáticas. Como bem nota Mate, “o autor não se enreda na polêmica que ocupava a esquerda sobre ser ou não ser revisionista ou revolucionário”, mas “vai à raiz dos males que afligem os socialistas daquele tempo: uma concepção dogmática do progresso” (MATE, 2011, p. 276). A epígrafe da tese, extraída de *A religião da socialdemocracia*, de Joseph Dietzgen – eleito, segundo Löwy, como exemplo típico do ‘progressismo’ socialdemocrata medíocre e limitado” (LÖWY, 2005, p. 116) – dá o tom exato daquilo que será refutado: “Nossa causa, com certeza, torna-se a cada dia mais clara e o povo mais inteligente” (DIETZGEN *apud* BENJAMIN, *GS I-2*, p. 700 / *WuN* 19, p. 78 [2005, p. 116]). Na tese, ele enfatiza três dimensões constitutivas da noção de progresso levada a cabo pela socialdemocracia. A primeira delas é a crença num progresso integral da humanidade, em todos os seus aspectos, “e não”, conforme indica Benjamin entre parêntesis, “somente das suas habilidades e conhecimentos” (BENJAMIN, *GS I-2*, p. 700 / *WuN* 19, p. 78 [2005, p. 116]). Segundo a interpretação socialdemocrata, haveria uma relação de concomitância entre os desenvolvimentos técnico-científicos e a recepção e incorporação ética deles pelos homens – “como se a criação da bomba atômica” ironiza Mate, “tivesse tornado a humanidade – e sobretudo aqueles que a fabricam – pacifistas de estrita observância” (MATE, 2011, p. 277). No entanto, Benjamin argumenta que o progresso da humanidade pressupõe uma dimensão moral que não é redutível ao progresso científico e técnico.⁶ Além disso, o positivismo impregnado na socialdemocracia limita a pensar o progresso técnico-científico do ponto de vista da dominação da natureza. Benjamin o insere no interior do que chama de “primeira técnica”, que se baseia no sacrifício humano como meio para atingir seu fim, isto é, a submissão da natureza às vontades irrestritas do homem. As consequências éticas mais imediatas da predominância desta racionalidade técnica são, como ressalta Benjamin, as guerras imperialistas por expansão econômica e a abertura de flancos para a instauração de um

⁶ A irredutibilidade de uma dimensão à outra já fora aludida por Benjamin na tese XI, na qual, ao discutir o conceito socialdemocrata de trabalho, Benjamin constata que o “conceito marxista vulgar do que é o trabalho não se detém muito na questão de como os trabalhadores tiram proveito do seu produto enquanto dele não podem dispor. Esse conceito só quer se aperceber dos progressos da dominação da natureza, mas não dos retrocessos da sociedade. Ele já mostrou os traços tecnocráticos que serão encontrados, mais tarde, no fascismo” (BENJAMIN, *GS I-2*, p. 699 / *WuN* 19, p. 76 [2005, p. 100], grifos meus).

regime fascista, certamente incompatíveis com o que se espera diante dos progressos técnicos. A ela, Benjamin opõe a necessidade da instauração de uma “segunda técnica”, que se baseia não na dominação instrumental da natureza, mas na dominação da relação harmônica, baseada no jogo, entre homem e a natureza, a qual, apesar de dormente, é possível de ser despertada para a libertação de ambos do jugo dos dominantes.⁷

Já a segunda e a terceira dimensões, que compreendem, respectivamente, um entendimento do progresso como algo “interminável” e “irresistível”, revelam a influência neokantiana em sua configuração: interminável, pois não haveria um ponto a partir do qual o desenvolvimento atingiria sua completude – “não há”, acrescenta Mate, “aspecto da vida que não admita melhoria, nem meta que esteja fora do nosso alcance” (MATE, 2011, p. 277) –, e irresistível, pois a história seguiria um percurso pré-estabelecido, inscrito nas próprias leis da história, sempre e de modo imparável em direção ao futuro. Tal concepção do progresso, em termos kantianos, é tomada como um *ideal*: na tese XVIIa, Benjamin indica que o “infortúnio começou quando a socialdemocracia alçou” a representação da sociedade sem classes

a um ideal. O ideal foi definido, na doutrina neokantiana, como uma tarefa infinita. E essa doutrina era a filosofia elementar do partido socialdemocrata [...]. Uma vez definida a sociedade sem classes como tarefa infinita, o tempo homogêneo e vazio transformava-se, por assim dizer, em uma antessala, em que se podia esperar com mais ou menos serenidade a chegada de uma situação revolucionária (BENJAMIN, *GS I-3*, p. 1231 / *WuN 19*, p. 42 [2005, p. 134]).⁸

⁷ O tema da “segunda técnica” é formulado pela primeira e única vez por Benjamin na terceira – outrora segunda – versão de seu ensaio sobre *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, de 1936, bem como em sua tradução francesa, ainda que a ideia central de uma busca por uma relação harmoniosa entre a natureza e a humanidade já se encontrasse disseminada em alguns de seus escritos – o fragmento-capítulo “A caminho do planetário”, de *Rua de mão única*, é o maior exemplo disso. Para mais detalhes a seu respeito, remeto à minha dissertação de mestrado, sobretudo ao capítulo 3.2 (em LAMA, 2017, p. 115 ss), no qual discute-se tal tema e relativiza-se parte da bibliografia secundária a seu respeito.

⁸ O próprio Kant, em sua *Crítica da razão pura*, caracteriza a noção de ideal como algo “ainda mais afastado da realidade objetiva do que a ideia”; esta última “dá a regra”, ao passo que “o ideal, nesse caso, serve de *protótipo* para a determinação completa

Ou seja: quando a socialdemocracia estabelece a sociedade emancipada como um longínquo e inatingível ideal, tal sociedade permanece apenas como regulador da realidade material, nunca se efetivando nela de fato. Assim, a esperança de uma situação revolucionária seria disseminada por todo o percurso histórico preenchido com o tempo homogêneo e vazio, tendo seu potencial explosivo abafado.

É justamente essa temporalidade “homogênea e vazia” que constitui o elemento comum e que dá sustentação às três dimensões da concepção socialdemocrata de progresso. “A representação de um progresso do gênero humano na história é”, conclui Benjamin, “inseparável da representação do avanço dessa história percorrendo um tempo homogêneo e vazio. A crítica à representação desse avanço tem de ser a base crítica da representação do progresso em geral” (BENJAMIN, *GS I-2*, p. 701 / *WuN 19*, p. 78 [2005, p. 116]). Ora, Benjamin vincula nessa passagem a possibilidade de repensar a temporalidade da história à crítica do progresso: o abandono do tempo homogêneo e vazio de viés historicista e o estabelecimento do tempo heterogêneo e pleno, o tempo de agora (*Jetztzeit*) messiânico em sua versão secularizada, operam como pressuposto necessário para a interrupção do curso linear da história.

É sabido que essa reviravolta conceitual concernente ao materialismo histórico se deve, em alguma medida, à incorporação ao seu pensamento de elementos da crítica romântica da civilização capitalista, bem como aos ajustes em sua armação teórica que ela demanda. Nesse contexto, seria importante para Benjamin mostrar que esse esforço consistia não na distorção do materialismo histórico, mas em uma espécie de resgate, em meio as tensões da obra de Marx (mas também de Engels),

da cópia”. Kant estabelece, ainda, uma analogia bastante elucidativa com a doutrina platônica das ideias: “[o] que para nós”, diz ele, “é um ideal era para Platão uma *ideia do entendimento divino*, um objeto singular na intuição pura desse entendimento, a perfeição suprema de cada espécie de seres possíveis e fundamento originário de todas as cópias no fenômeno”; e “embora não possuam força criadora como os de Platão, [os ideais] têm no entanto força prática (como princípios reguladores) e sobre eles se funda a possibilidade de perfeição de certas ações” (KANT, 1997, p. 485-486). Trata-se, pois, de algo ainda mais distante do plano da realidade fenomênica do que a própria ideia; daí seu caráter irrealizável no plano concreto. Os ideais servem, no entanto, de princípios reguladores para a filosofia prática. Para um trabalho que trata com primor destas tensões entre o plano ideal e o plano real (ou fenomênico) na filosofia política e da história de Kant, ver TERRA, 1995.

de sua dimensão mais produtiva para pensar o seu presente.⁹ Ora, são bastante raras as críticas de Benjamin dirigidas diretamente à Marx – e mesmo nelas, como na célebre imagem da locomotiva da história,¹⁰ coligida entre as notas preparatórias para as *teses*, se critica uma faceta positivista, claramente ultrapassada pelos desenvolvimentos feitos na própria obra madura. Ainda assim, Benjamin reivindicava para si e para suas contribuições o legado do materialismo histórico, já que buscava retomar de modo profundo, porém seletivo, algumas das intuições de Marx e Engels, atualizando-as em um novo diagnóstico a respeito do momento atual do capitalismo, em vez de simplesmente aceita-las e reproduzi-las acriticamente.¹¹

⁹ “Sem dúvida”, argumenta Löwy, “a obra de Marx e de Engels é atravessada por tensões irresolutas entre um certo fascínio pelo modelo científico-natural e uma conduta dialética-crítica; entre a fé no amadurecimento orgânico e quase natural do processo social e a visão estratégica da ação revolucionária que apreende um momento excepcional. Essas tensões explicam a diversidade dos marxismos que disputam entre si a herança após a morte de seus fundadores. Nas teses de 1940, Benjamin ignora o primeiro polo do espectro de Marx e se inspira no segundo”. Nesse contexto, a estratégia de Benjamin em relação “a herança marxista é altamente seletiva e passa pelo abandono – mais do que pela crítica explícita ou por um ‘acerto de contas’ direto – de todos os trechos da obra de Marx e Engels que serviram de referência às leituras positivistas/evolucionistas do marxismo: progresso irresistível, ‘leis da história’, ‘fatalidade natural’” (LÖWY, 2005, p. 147-148).

¹⁰ Benjamin afirma em tal nota que “Marx diz que as revoluções são a locomotiva da história mundial. Mas talvez isso se apresente de modo diferente. É possível que as revoluções sejam a ação, pela humanidade que viaja nesse trem, de puxar os freios de emergência” (BENJAMIN, *GS I-3*, p. 1232 / *WuN 19*, p. 153). A referida passagem de Marx – sem o adjetivo “mundial”, acrescentado por Benjamin sem qualquer prejuízo ao sentido original – é do livro *As lutas de classes na França de 1848 a 1850*, publicado em 1850, e pertencente, portanto, à primeira fase de sua produção intelectual; para o trecho citado por Benjamin, ver MARX, 2012, p. 132.

¹¹ Benjamin faz, nas *Teses*, inclusive, uma sutil distinção entre, por um lado, uma doutrina que se pretende o verdadeiro “materialismo histórico” – as aspas são utilizadas pelo próprio Benjamin na primeira tese –, mas que na realidade traz em seu bojo ecos do positivismo historicista e do otimismo em relação ao progresso, a qual ele caracteriza como “marxismo vulgar” na sétima tese (em BENJAMIN, *GS I-2*, p. 699 / *WuN 19*, p. 76 [2005, p. 100]) e, por outro, um materialismo histórico que respeita o legado de seus fundadores – aquele desenvolvido por ele, empregado no texto sem o uso de aspas –, o qual ele tenta construir positivamente, através de sugestões e recomendações

Assim, parte da tarefa consistiria em revisitar as tensões e ambivalências da obra dos prógonos a fim de encontrar elementos para criticar a interpretação dos epígonos com propriedade. Isso posto, seria interessante recuperar algumas passagens destacadas por Benjamin que seguem nessa direção.

A primeira delas é um trecho de uma carta de Engels endereçada a Franz Mehring citada no ensaio sobre Eduard Fuchs – ensaio em que Benjamin “expõe, pela primeira e única vez”, de acordo com Ernani Chaves, “de forma detalhada, sua concepção ‘materialista da história’ e, por conseguinte, do próprio marxismo” (CHAVES, 2003, p. 35).¹² Tal carta, datada de 14 de julho de 1893 – portanto, de um período já bastante avançado no itinerário intelectual do remetente – é caracterizada por Benjamin como contendo um diagnóstico da “situação do próprio materialismo histórico” (BENJAMIN, *GS II-1*, p. 466 [2012, p. 126]) de sua época. “Aquilo que mais contribui para a cegueira da maior parte das pessoas é”, escreve Engels,

essa aparência de uma história autônoma das formas de organização política, dos sistemas do Direito, das concepções ideológicas nos seus respectivos domínios específicos. Quando acontece a ‘superação’ da religião católica oficial por Lutero e Calvino, quando Hegel supera Fichte e Kant, ou Rousseau, indiretamente, com o seu Contrato Social, o constitucionalista Montesquieu, trata-se de um processo que permanece adentro dos limites da teologia, da filosofia, da teoria política, que representa uma etapa na história dessas áreas de pensamento e não sai delas. E desde que a ilusão burguesa da natureza eterna e em absoluto definitiva da produção capitalista chegou a essa conclusão, até a superação dos mercantilistas pelos fisiocratas e Adam Smith é

teóricas e práticas acerca de sua necessária interface com a teologia judaica, nas demais teses. Esse recurso irônico de distinguir o falso do verdadeiro utilizando aspas encontra precedência na obra benjaminiana no breve ensaio intitulado “*Experiência*” – entre aspas –, de 1913, no qual ele denuncia a máscara da “experiência” sob a qual se esconde o adulto-filisteu, com sua atitude conservadora e resignada, em nome de “uma outra experiência”, pautada na abertura ao novo – ver BENJAMIN, *GS II-1*, p. 54 ss [2002, p. 21 ss].

¹² Cabe mencionar, ainda, que Benjamin recuperará *ipsis litteris* algumas passagens escritas a propósito deste ensaio, publicado em 1937, nas *Teses*, de 1940, rearticulando-as, porém, à constelação de tensão entre teologia e marxismo que orienta este último texto.

vista como uma mera vitória do pensamento, não como o reflexo, no pensamento, da transformação de fatos econômicos, mas como a visão correta e finalmente alcançada de condições reais eterna e universalmente vigentes (ENGELS *apud* BENJAMIN, *GS II-1*, p. 466 [2012, p. 127]).

Engels critica, aqui, o positivismo e o evolucionismo arraigados no materialismo histórico, o qual transpõe a dinâmica de funcionamento de saberes específicos à própria economia. De acordo com ele, a “superação” – entre aspas, cabe observar – de paradigmas ocorrida na teologia (religião católica pelo protestantismo de Lutero e Calvino), na filosofia (Kant e Fichte por Hegel) e na teoria política (o constitucionalismo de Montesquieu pelo Contrato social de Rousseau) permanece interna à história desses campos do saber. O problema começa quando se traça paralelos entre essa dinâmica e a que rege a produção capitalista, passando a enxergar a “superação” dos mercantilistas pelos fisiocratas e Adam Smith como a visão mais acabada da organização material da sociedade. Ora, pode-se, talvez, antever em tal crítica uma espécie de autocrítica ao modelo proposto no *Manifesto comunista*, o qual consistia na compreensão da história pelo prisma da luta de classes, na superação dos modos de produção (asiático, feudal, capitalista) graças às contradições insuperáveis entre as classes e no advento necessário e inelutável do comunismo como forma mais acabada da organização social.¹³

¹³ Certamente, essas linhas de Engels citadas por Benjamin reverberam muito mais do que esta interpretação limitadora delas aqui exposta – sobretudo se se considerar a tentativa de pensar uma “história materialista da cultura”, que dá a tônica geral do ensaio. No entanto, considerar tais aspectos transcende – e muito – os modestos propósitos deste texto. Assim, uma vez que uma história materialista da cultura pressupõe uma formulação mais geral do materialismo histórico, permaneceu-se apenas nestas considerações mais gerais, prescindindo dos desenvolvimentos mais específicas. A respeito de tais considerações gerais, Chaves (2003, p. 38-39) observa no mesmo sentido da interpretação feita aqui, em resumo, que, “[a]o retomar uma referência a Engels apartada da leitura dominante de sua obra, Benjamin indica, logo no início do seu texto, sua perspectiva crítica diante do marxismo da 2ª Internacional. [...] Nessa mesma perspectiva, pode-se entender, de imediato, o que Benjamin está pensando quando se refere à ‘própria situação do materialismo histórico’: trata-se [...] da ‘situação’ do marxismo após a 2ª Internacional, onde se dá o triunfo das correntes positivistas e darwinistas. [...] A ênfase de Benjamin em procurar separar Engels – e Marx também – da ‘ideologia’ da 2ª Internacional, pode também ser percebida quando

A segunda, apesar de não ser fonte primária, consiste numa hipótese fundamental para os objetivos heterodoxos de Benjamin de conciliar a perspectiva marxista com a crítica romântica do capitalismo. Trata-se de uma passagem do livro *Karl Marx*, de Karl Korsch – ao qual Benjamin teve acesso ao manuscrito na década de 30, mas que só fora publicado, em versão original alemã, na década de 60 –, coligida entre os materiais das *Passagens*.

Com razão, Korsch afirma [...]: ‘Assim, a teoria ... do movimento operário moderno foi impregnada também de uma parte daquela ... ‘desilusão’ que ... fora proclamada após a grande Revolução Francesa, primeiro pelos primeiros teóricos franceses da contrarrevolução, e depois pelos românticos alemães, desilusão que exerceu uma forte influência sobre Marx, principalmente através de Hegel’ (BENJAMIN, *GS V-2*, p. 820 / X 12, 3 [2006, p. 709]).

Quer dizer: segundo a interpretação de Korsch secundada por Benjamin, o próprio Marx teria sido influenciado pela desilusão que alimentou os românticos no século XIX; ele é bastante claro quanto ao teor desta “influência”: tal como ocorreu com o “movimento operário moderno”, tal desilusão teria “impregnado” as reflexões de Marx, ou seja, ela não teria sido alvo de uma recepção consciente pelo filósofo, mas teria sido incorporada de maneira indireta à sua obra. Talvez essa “desilusão” salientada por Korsch possa oferecer uma chave para entender, por exemplo, o fascínio e a predileção de Marx – mas também de Engels – por Balzac:¹⁴ sabe-se que os romances do escritor francês,

está em questão um dos pilares dessa ‘ideologia’, ou seja, a crença na inevitabilidade do ‘progresso’. Esse tema aparece no ensaio, exatamente, onde Benjamin aponta, em Fuchs, seu pertencimento a essa ‘concepção determinista’ complementada por um ‘forte otimismo’”. Para além de tais considerações, Chaves explora, nas páginas seguintes de seu artigo, toda a potencialidade destas linhas para a possibilidade de conceber uma história da cultura e da arte de viés materialista, pelo que se recomenda vivamente sua leitura.

¹⁴ Tal predileção de Marx por Balzac é bastante conhecida. Marcello Musto recorda, em sua biografia dos últimos anos de Marx, de seus interesses literários recorrendo às memórias de seu genro Paul Lafargue a respeito de seu gabinete de trabalho. Após mencionar uma série de escritores que Marx conhecia bem, Lafargue escreve que “[p]ara ele, em primeiríssimo lugar, acima de todos os outros, estavam Cervantes e Balzac. [...] Sua admiração por Balzac era tão profunda que planejava escrever uma crítica de

católico e reacionário, graças à apurada e detalhada descrição das mazelas da burguesia francesa do século XIX, impressionaram muito os prógonos do materialismo histórico, ao ponto de dizerem que aprenderam muito mais com Balzac do que com obras teóricas e filosóficas da mesma época. Assim, da perspectiva benjaminiana, tal desilusão balzaquiana teria sido absorvida por Marx e permanecido numa camada mais profunda de sua reflexão sobre o capitalismo, livre de todo o positivismo superficial expresso em sua obra.

Essa interpretação de Korsch é explorada por Löwy e Sayre na seção sobre Marx do capítulo sobre marxismo e romantismo do excelente estudo introdutório sobre o romantismo empreendido por ambos. Ali, eles detalham as relações entre Marx e Engels e autores românticos de diversos ramos do saber. “Tanto Marx quanto Engels”, argumentam os autores,

tinham em alta conta certos críticos românticos do capitalismo industrial, em relação aos quais tinham uma dívida intelectual indiscutível. A obra de ambos foi significativamente influenciada não somente por economistas românticos como Sismondi ou o populista russo Nikolai Danielson, com o qual se corresponderam durante vinte anos, mas também por escritores como Dickens e Balzac, por filósofos sociais como Carlyle e por historiadores da comunidade antiga, como Maurer, Niebuhr e Morgan – sem falar dos socialistas românticos, como Fourier, Leroux ou Hess (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 120).¹⁵

sua grande obra, *A comédia humana*” (LAFARGUE *apud* MUSTO, 2018, p. 21). Já Michael Löwy e Robert Sayre enfatizam que uma importante influência “sobre Marx e Engels será a da obra literária daquele que pode ser considerado um dos críticos românticos mais mordazes da civilização burguesa: Honoré de Balzac, com quem Engels confessa ter aprendido ‘mais do que em todos os livros de historiadores, economistas e profissionais da estatística da época’. Essa expressão retoma, quase palavra por palavra, a opinião de Marx, de algumas dezenas de anos antes, sobre escritores ingleses como Charles Dickens, Charlotte Brontë e Mrs. Gaskell, ‘A brilhante escola moderna dos romancistas ingleses, cujas páginas demonstrativas e eloquentes revelaram ao mundo mais verdades que todos os políticos profissionais, publicistas e moralistas juntos’” (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 122).

¹⁵ Remete-se à leitura desta seção, tomando o devido cuidado com algumas hipóteses exageradamente fortes – como a que é lançada na afirmação imediatamente posterior a passagem citada, segundo a qual “o romantismo é *uma das fontes esquecidas de Marx e Engels*, uma fonte que talvez seja tão importante para o trabalho deles quanto

Todos esses indícios a respeito da influência romântica em Marx e, conseqüentemente, no marxismo, apenas reforçam o vasto campo de pesquisa ainda a ser investigado. No caso específico de Benjamin, o que se tentou mostrar nessa breve exposição foi que a leitura que ele faz da obra de Marx, ao prescindir de seus elementos positivistas e insistir em sua dimensão crítica do capitalismo, abre espaço para a incorporação de traços de uma certa versão revolucionária do romantismo a seu pensamento materialista, na esteira de pensadores como Fourier, por exemplo. Ademais, à guisa de conclusão, cabe apenas ressaltar que tais considerações feitas ao longo deste texto são assumidamente incipientes e embrionárias, ao passo que constituem menos resultados consolidados do que um programa de pesquisa, a ser retomado, aprofundado e desenvolvido em minha pesquisa de doutorado, ainda em curso. Deste modo, convida-se o leitor interessado nesta sorte de questões a retomá-las quando ela estiver finalizada em formato de tese.

Referências

ARENDDT, H. Walter Benjamin: 1892-1940. In: _____. *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottmann, posfácio de Celso Lafer. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

BENJAMIN, W. Eduard Fuchs, colecionador e historiador. In: _____. *O anjo da história*. Organização e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. (Filô/Benjamin)

BENJAMIN, W. Experiência. In: _____. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tradução, apresentação e notas de Marcus Vinícius Mazzari, posfácio de Flávio Di Giorgi. São Paulo: Duas Cidades; Ed 34, 2002. (Coleção Espírito Crítico)

BENJAMIN, W. *Gesammelte Schriften*. Hrsg. von Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser. 7 Bände. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972-1989.

o neo-hegelianismo alemão ou o materialismo francês” (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 120-121). De qualquer modo, tais autores serão interlocutores certamente recorrentes na continuidade desta pesquisa.

BENJAMIN, W. *Passagens*. Edição alemã de Rolf Tiedemann; organização da edição brasileira de Willi Bolle, colaboração na organização da edição brasileira de Olgária Chain Féres Matos, tradução do alemão de Irene Aron, tradução do francês de Cleonice Paes Barreto Mourão, revisão técnica de Patrícia de Freitas Camargo, posfácios de Willi Bolle e Olgária Chain Féres Matos. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de História. In: LÖWY, M. *Walter Benjamin – aviso de incêndio*. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Tradução de Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Muller. São Paulo: Boitempo, 2005. (Marxismo e Literatura)

BENJAMIN, W. *Werke und Nachlaß. Kritische Gesamtausgabe - Band 19: Über den Begriff der Geschichte*. Herausgegeben von Gérard Raulet. Mit vierfarbigen Faksimiles. Berlin: Suhrkamp, 2010.

CHAVES, E. É possível uma história materialista da cultura? Walter Benjamin (re)lê Friedrich Engels. In: _____. *No Limiar do Moderno: estudos sobre Friedrich Nietzsche e Walter Benjamin*. Belém: Paka-Tatu, 2003.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão, introdução e notas de Alexandre Fradique Morujão. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

LAMA, F. A. D. *Diagnóstico de época e declínio da experiência em Walter Benjamin: uma abordagem dos escritos da década de 30*. 2017. 174 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

LÖWY, M. *Walter Benjamin – aviso de incêndio*. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005. (Marxismo e Literatura)

LÖWY, M. Walter Benjamin, crítico da civilização. In: BENJAMIN, W. *O capitalismo como religião*. Organização de Michael Löwy, tradução de Nélio Schneider, Renato Ribeiro Pompeu. São Paulo: Boitempo, 2013. (Marxismo e Literatura)

LÖWY, M; SAYRE, R. *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. Tradução de Nair Fonseca. São Paulo: Boitempo, 2015. (Marxismo e Literatura)

MARX, K. *As lutas de classes na França de 1848 a 1850*. Tradução de Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012. (Coleção Marx-Engels)

MUSTO, M. *O velho Marx: uma biografia de seus últimos anos*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2018.

TERRA, R. R. *A Política Tensa*. Ideia e realidade na filosofia da história de Kant. São Paulo: Iluminuras, 1995.

MATE, R. *Meia noite na história: comentários às teses de Walter Benjamin “Sobre o conceito de história”*. Tradução de Nélío Schneider. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2011. (Focus, 18)

RAULET, G. Kommentar. In: BENJAMIN, W. *Werke und Nachlaß. Kritische Gesamtausgabe - Band 19: Über den Begriff der Geschichte*. Herausgegeben von Gérard Raulet. Mit vierfarbigen Faksimiles. Berlin: Suhrkamp, 2010.

Recebido em: 18 de dezembro de 2018

Aprovado em: 2 de fevereiro de 2019